

# A indiferença pode gerar o mal

» OTÁVIO SANTANA DO RÉGO BARROS  
General de Divisão RI



bobagem, crise hídrica dependente de São Pedro. Um eventual calote dos precatórios atemoriza os “Faria Limers”. O possível rompimento do teto fiscal, como justificativa para programas sociais alargados, é visto como populismo eleitoral para compra de indigentes.

A sustentação ao governo oferecida pelo “eficiente” fisiologismo de partidos amigos do poder, e prontos a pularem para outro barco que demonstre mais robustez para a travessia, fragiliza o ambiente. No quesito Forças Armadas, uma parte da sociedade, equivocadamente, passou a considerá-las apoiadoras do governo. Não o são e têm provado com posturas serenas e institucionais.

Alguns poucos integrantes se olvidaram do conceito de “existência infinita da Instituição”. Eles passam, elas permanecem inabaláveis pelo suporte de valores e tradições. Há consequências. A percepção da perda da isenção, atributo essencial às Forças Armadas para atuar nas missões previstas na Constituição, se faz presente.

Destacam-se nos cenários analisados críticas contra decisões dos tribunais. O

encantamento de alguns magistrados por palco forneceu combustível para censuras de toda ordem. Perdeu-se o encanto da toga. Abriu-se espaços para fomentadores induzindo uma repulsa ao Judiciário, sobretudo contra a Suprema Corte, detentora da última palavra nos debates coletivos. Não custa ressaltar que o regramento civilizatório é tão mais respeitado quanto mais as pessoas acreditem na Justiça e se sintam comprometidas a trilhar o caminho iluminado pelas lamparinas das leis.

Em apertadas palavras, tratou-se da comparação entre o estudo do cenário construído por profissional e a opinião dos leitores. Sendo bosquejo prospectivo, serve como sinalização do que se pode esperar no próximo ano. Matutou Hannah Arendt: “A indiferença pode ser terreno fértil para o mal, e a antítese da indiferença é a reflexão. Portanto, temos todos a responsabilidade de refletir sobre nossos atos, de escolher, de não apenas obedecer e seguir o rebanho”. A sociedade não pode quedar-se indiferente. A indiferença gera o mal! Reflita. Paz e bem!

## Indústria depende da economia circular

» RODRIGO CLEMENTE

Empreendedor e fundador da JVMC, dona da BLZ Recicla, uma empresa que atua em todo o ciclo de recuperação do vidro e fundador da BLZ Recicla

Em 2020, a indústria de bebidas viveu um cenário de grande preocupação. A produção nacional cresceu de 6% a 7% no final de 2020, porém era esperado um crescimento maior, que não foi possível por conta da escassez de matéria-prima para a embalagem. As empresas encontraram dificuldades para atender o consumidor final e muitas tiveram que importar quase 30% de sua necessidade a um preço superelevado. Já outras tiveram que optar pelo alumínio, que teve uma alta de quase 24% do seu valor.

Pelo que se sabe, não se trata de um novo contexto para os recipientes de vidro. Desde 2018, a fabricação nacional não consegue atender o aumento do consumo da indústria cervejeira e vinícola. Com a pandemia, essa situação se agravou. O medo e a incerteza de um futuro desconhecido provocado pela covid-19, fizeram com que os fabricantes de cerveja, vinhos e refrigerantes freassem a compra de embalagens por receio de uma diminuição na venda de produtos. Porém o que aconteceu foi que o consumo de bebidas aumentou quase 100% neste período. Além disso, os itens eram comprados em supermercados e não em restaurantes e bares, dificultando a volta do

insumo para as fábricas e ocasionando um descarte maior de garrafas.

A alta do dólar ante o real também foi um fator de grande impacto. Sendo assim, a importação de vidro ficou inviável, pois se ela fosse realizada com a cotação atual, o consumidor pagaria essa conta com o aumento no preço do produto. O que seria muito complicado, principalmente neste momento em que o desemprego e inflação no país batem recordes. Por conta de todos esses fatores é que a reciclagem é tão importante e necessária. O vidro é um material 100% reciclável, ele leva 4 mil anos para se decompor e pode ser reutilizado infinitas vezes.

Se pensarmos de uma maneira lógica, não seria necessário comprar matéria-prima, pois temos garrafas fabricadas o suficiente que podem ser reutilizadas, gerando uma economia circular favorável. Além desse modelo abastecer um mercado necessitado, também estamos falando de sustentabilidade. A volta do vidro como recipiente é a realidade de um mundo que respeita a natureza. O uso desnecessário de plástico causa um impacto negativo e danos irreversíveis para o planeta. Por muito tempo, para comprar um refrigerante ou uma cerveja você precisava

trocar por uma garrafa vazia, trocar o que já está usado por um novo. Basicamente é isso que estamos falando, como se fosse um ciclo, onde não há espaço para o desperdício. Além de ser favorável ao meio ambiente, é um mercado em ascensão acelerada, pois ele assiste a uma necessidade de grandes indústrias de bebidas, principalmente em um momento de alta do dólar e de grande procura.

Com o assunto ESG em discussão, muitas empresas já estão optando por fazer parte de negócios que respeitem o meio ambiente. As marcas querem ter seus nomes atrelados a projetos sustentáveis, como são os casos da Heineken e da Coca-Cola que já entenderam a importância de cuidar e preservar a natureza. Por isso, hoje já se beneficiam dessa estrutura circular de comércio, investindo em projetos que fazem a recolha do casco e a reciclagem do insumo. O reaproveitamento do vidro é um negócio que tem todos os motivos para se desenvolver. Sustentável, cria emprego e supre a necessidade da indústria. Projetos assim geram consequências sociais e ambientais efetivas, por isso, é um modelo que podemos e devemos investir mais. Um assunto que ainda vamos ouvir falar bastante!

## Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Em se cavando, crimes e minhocas surgem

Não se engane. Qualquer Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que seja instalada pelo Legislativo e objetiva investigar, com seriedade, qualquer questão relativa ao governo, à política, às finanças ou ao que quer que seja que diga respeito ao Brasil, tanto no presente quanto no passado, tem potencial imenso para desvendar novas e engenhosas ilicitudes.

Onde quer que se cave nesse país, haverá de ser encontrado vestígios e cadáveres a revelarem um gigantesco submundo que parece se estender pelos subterrâneos do Estado. Basta escolher o tema, que as revelações hão de vir à luz. No momento, a CPI da Pandemia, que visa revelar os desvãos por onde bilhões de reais do dinheiro público se esvaíam com a compra superfaturada de vacinas ou apenas com a promessa de aquisição desses medicamentos, vem produzindo seus resultados, ao trazer à tona um esquema poderoso envolvendo empresas de fachada, inclusive bancos, todos de olho no mercado farto da compra emergencial e tardia de vacina em plena pandemia.

É o poder do dinheiro e da esperteza no mercado da vida e da morte. Entra nesse comércio, sem lastro ético, apenas como número e estatística, a quantia de 600 mil mortes, a grande maioria vítima de um sistema, que envolve figuras do governo e empresários gananciosos e desumanos.

Ao final dos trabalhos desta CPI, que foi prorrogada uma vez e que poderia, por seu potencial revelador, ser mais uma vez esticada para o infinito, é esperado a elaboração de relatório que contará uma pequena porção dessa nossa história feita de infâmias e da qual a população é sempre a vítima. Há nesse terreno fértil, com área de 8,5 milhões de km<sup>2</sup>, espaço suficiente para ser escavado e onde se pode encontrar veios a desvendar nossos descaminhos históricos. E não é só no âmbito do governo e do Estado que qualquer investigação séria pode nos levar a revelações do cometimento de crimes diversos.

Veja o caso do nosso empresariado, principalmente os de maiores portes, que, no governo petista, se juntou para saquear as estatais, sob orientação do próprio governo, que escancarou as portas de empresas como a Petrobras para que fosse completamente depauperada.

Para onde quer que se volte o olhar, há chances reais de se ver como continuamos, depois de cinco séculos, sendo constantemente pilhados. Invente-se um tema, por exemplo, o índio ou a grilagem de terras, e teremos outro calhamaço de denúncias a serem apuradas. Relativamente ao meio ambiente e aos crimes que acontecem num ritmo acelerado, as denúncias renderiam CPIs diversas e prolongadas.

O mesmo com relação à saúde, ao desvio de recursos pelos governadores durante a pandemia e que a atual CPI do Senado resolveu não apurar. Outro exemplo de assunto que renderia uma boa Comissão Parlamentar de Inquérito é com relação ao pagamento de precatórios, que são recursos que o Estado deve a parcelas de sua população e simplesmente deixa de pagar e fica por isso mesmo. Todo e qualquer tema poderia render uma CPI.

O problema é que, depois de encerrados os trabalhos dessas Comissões e elaborado o relatório final, que é enviado à Procuradoria-Geral da República e ao Ministério Público para que adotem as devidas providências, o caso passa a ser submetido a uma espécie de peneira, em que os figurões da República, dotados ou não de foro de prerrogativa, são deixados de fora dos inquéritos, restando o indiciamento dos peixes pequenos. Para aqueles integrantes da elite do Estado ou do empresariado que não conseguiram escapar de um primeiro cerco da Justiça, resta a opção de recorrer ao Supremo, onde a prescrição ou a absolvição é o final mais comumente ajeitado.

### »» A frase que foi pronunciada

“A sopa é para a infância assim como o comunismo é para a democracia.”

Mafalda

### Mobilidade

» Alguns prédios residenciais das 400 e as construções das entrequadras, onde salas comerciais funcionam como moradia, precisam de elevador. O direito dos idosos de ir e vir, subindo lances de escada, é proibitivo.

### Escuro

» DF-080, na altura da divisa com Padre Bernardo, está sem iluminação. Há um intenso trânsito de caminhões à noite, um perigo para os motoristas.

### Perigo

» Falta de manutenção no metrô deixa passageiros a pé. Nesta segunda-feira, o Metrô do DF deixou seus passageiros à deriva. O veículo descarrilou, e os passageiros tiveram que andar pelas beiradas até a próxima estação.

### »» História de Brasília

Estes episódios tiveram como cenário o Rio de Janeiro, o governador é o sr. Carlos Lacerda, o ministro é o sr. Alfredo Nasser. E os nomes dos terroristas leiam, por favor, na seção de polícia. (Publicada em 8/2/1962).